



A POÉTICA DO ENSAIO NA
TRADUÇÃO AFRODIASPÓRICA:
um experimento com *Peau Noire*,
Masques Blancs, de Frantz Fanon

LA POÉTICA DEL ENSAYO EN LA
TRADUCCIÓN AFRODIASPÓRICA:
un experimento com *Peau Noire*,
Masques Blancs, de Frantz Fanon

THE POETIC OF ESSAY IN
AFRODIASPORIC TRANSLATION:
an experiment with *Peau Noire*,
Masques Blancs, by Frantz Fanon

*Edson César de Sousa Sobrinho*¹

RESUMO

Este ensaio deseja, como proposta, construir críticas aos modos possíveis de tradução entremeando a própria forma e a composição poética das realidades afrodiaspóricas (prático-teóricas). Para tanto, utilizarei o corpo textual de fragmentos da obra *Peau Noire, Masques Blancs* (1971) de Frantz Fanon, escritor, médico antilhano e ativista negro, como texto base. E, a partir desses fragmentos em prosa, traduzir em forma de poesia (ao que nomeio aqui de ensaio poético), com o objetivo explícito de acentuar as possibilidades tradutórias em rearranjo com as questões da negritude.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio, Literatura Negra, Negritude, Poesia, Poética

RESUMEN

Este ensayo desea, como propuesta, generar críticas sobre los posibles modos de traducción, entrelazando la forma misma y la composición poética de las realidades afrodisporicas (práctico-teórico). Para eso, utilizaré, como base, el cuerpo textual de fragmentos de la obra *Peau Noire, Masques Blancs* (1971) de Frantz Fanon, escritor, médico antillano y activista negro. Y, a partir de estos fragmentos en prosa, traducir en forma de poesía (lo que yo llamo aquí un ensayo poético), con el objetivo explícito de acentuar las posibilidades de traducción en reordenamiento con las cuestiones de negritud.

PALABRAS CLAVE: Ensayo, literatura negra, negritud, poesía, poética

¹ Professor de língua e literatura francesa, Tradutor e Escritor. Atualmente, está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura como doutorando em Crítica e processos de criação em diversas linguagens (Crítica Textual Moderna), sob a orientação do Prof^o Dr. Arivaldo Sacramento, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bolsista. E-mail: ce.sz@hotmail.com.

ABSTRACT

This essay aims, as a proposal, to construct criticisms of the possible modes of translation, intermingling the form and poetic composition of the aphrodisporic realities (practical-theoretical). For that, I will use, as a base, the fragments of the work *Peau Noire, Masques Blancs* (1971) by Frantz Fanon, writer, Antillean doctor and black activist. And, from these prose fragments, translate in the form of poetry (what I call here a poetic essay), with the explicit aim of accentuating the translational possibilities in rearrangement with the questions of *négritude*.

KEYWORDS: Essay, Black Literature, *Négritude*, Poetry, Poetics

* * *

INTRODUÇÃO

Se tentarmos ensaiar alguma compreensão dos estudos tradutórios no transcorrer dos diferentes períodos históricos, o que se pode realçar, em um primeiro instante, é a diversidade teórica acerca do que se entende sobre o que é uma tradução. Ou ainda, acrescento, uma multiplicidade de compreensões sobre a forma de traduzir, de analisar as traduções e seus métodos variáveis, que parecem navegar num mar de absoluta instabilidade. Por isso é possível, com alguma prudência, afirmar que, em seu decorrer histórico, os Estudos da Tradução nos legaram uma multiplicidade teórica que, em larga medida, se constituiu com o intuito de julgar os resultados das traduções como produto infiel do original, cópia ou mesmo descaracterização autoral (MILTON, 1998). Com o mesmo cuidado, é possível também dizer que já há uma diversidade considerável de teorias e reflexões que vão de encontro às concepções canonizadas, desestabilizando-as ainda mais. Há algum esforço nesse sentido (GENTZLER, 2009). Por essas variantes, pretendo me localizar.

Assim, diante de um cenário cujos modos teóricos pertencem a uma tradição (a do ocidente eurocentrado) em que a própria lógica jugula as possibilidades de se pensar *com* a tradução e não *a* tradução, interrogo-me: com quais perspectivas teóricas devemos analisar os processos tradutórios? É preciso salientar, ainda, que a ideia de tradução continua perigosa (na episteme ocidental) como algo que existiu sempre e oportunamente como um delito lógico, de uma lógica crucial, pois que sacrifica e submete tudo em *pares*, no maniqueísmo binário, em sua máxima redução.

De qualquer forma, essas questões da história da tradução, cujas respostas nem suspeito (posto que ainda estão em disputa), não serão os caminhos prioritários para esta abordagem a que me disponho pois, para mim, talvez nem sejam as questões mais imperativas. Ainda assim, são questões importantes para o campo da tradutologia em geral (GENTZLER, 2009) porque, em qualquer desses pontos apresentados ou em alguma *tentativa* de responder a essas perguntas, o mais importante é a evidência dos muitos pontos que se entrecruzam – e se multiplicam, e é nas sendas desses pontos entrecruzados que, a meu ver, reside a contemporaneidade dos estudos tradutórios.

Entretanto, proponho neste ensaio um modo tradutório sem uma grande literatura teórica e prática existentes. Algo que exige, sob muitas adversidades, a reflexão contínua das formas e outros apelos teóricos. Essa outra forma, a que chamo, transitoriamente, de tradução afrodiaspórica, tenta conjugar modos e pensamentos negrorreferenciados cujos objetivos são próprios aos lugares assumidos, seja prático e teórico. Inclusive, por rebelar-se da teoria canonizada inserindo-se numa prática em desenvolvimento.

Por esses motivos, e dada a circularidade das questões tradutórias, o que urge sob nossa perspectiva é tentar uma abordagem ainda mais atual (mais *local*) e, desse modo, considerar questões de outras relevâncias. Portanto, é urgente reinspectar a geografia das questões, e daí deixar advir outros imaginários, a diversidade das poéticas (CAMPOS 1969; PAZ 2007). Assim, dentre algumas questões, relevarei se: há a possibilidade de uma tradução sob o crivo “racial” e como essa abordagem pode ser feita teoricamente? É possível que a tradução de autores da raça negra possa fazer-se ecoar, enquanto *diferença*, dentro das questões gerais da tradução, como? Independente das respostas possíveis, é preciso lembrar que a maior parte das teorias sobre a tradução estão fundamentadas nas epistemologias eurocentradas e, por isso, estão em muitos casos impossibilitadas, pela própria lógica, de estabelecer analogias teórico-históricas que comportem autores e autoras da raça negra. Ou mesmo, para todos aqueles nomeados

como o *Outro* da “cultura”, no limite, toda *diferença* como discurso. E, coincidentemente, tanto a ideia de tradução como a ideia desse *Outro* cultural (que são, neste trabalho, os autores da raça negra) ocupam, na lógica binária ocidental, o lugar da exclusão.

Esses autores e autoras, mesmo que sob a forma de texto-escritura, mas com experiências culturais distintas, não se vinculam historicamente a esse pensamento (que chamo também de continental). Esse estrito lugar, apesar de realçado, não nos convoca para pensarmos de forma “alterna” a ideia de tradução. Assim, relevo a diversidade para, então, bordejar as circunstâncias materiais e formais, temporais, históricas e mais tudo aquilo que possamos ressaltar numa cultura outra em seus modos próprios - na sua própria complexidade do tempo e espaços compartilhados e culturalmente ressemantizados (GLISSANT, 1997, 2007; MARTINS, 2007, SODRÉ, 2007).

Igualmente, meu trabalho como tradutor de textos produzidos – racialmente marcados – por autores e autoras negras não é retirar/levar a autoria ao tradutor, coadunando o Eu (do autor) com o Eu (do tradutor) transformando o texto em um “Nós”, dando à tradução a existência como um texto novo, fundador, original. Não que essas qualidades estejam proibidas ao texto-traduzido. É que o “Nós” proposto aqui é uma multiplicidade de vozes ultrapassantes à relação binária. Mesmo que em pé de igualdade como numa fórmula teórica: autor-é-o-mesmo-que-tradutor. Essa igualdade, não se dá tão somente no campo teórico, mas na construção de um imaginário onde esse campo seja possível. Outra geografia. Contraditoriamente, esses lugares já existem. Espalhados em arquipélagos – que não estão ilhados – por *todo-Mundo*, ou *Tout-Monde* como pensa o filósofo antilhano Édouard Glissant (1997). No entanto, neste momento, não nos aprofundaremos nisso, mas ressalvo como questão fulcral que circunda a questão da autoria e tradução e que se adorna de molduras próprias quando observamos as questões dos povos negros em diáspora.

Dito isso, este ensaio-experimento, se comprometerá em traduzir trechos da obra *Peau Noire, Masques Blancs* (1971), do médico psiquiatra, escritor e ativista negro nascido nas Antilhas, Frantz Fanon. Ressalto que

as traduções partirão do texto em prosa, escrito em francês, mas tomarão a forma de poesia neste ensaio. Assumo, desde já, a precariedade das ressemantizações, ressignificações que alinharão as poesias aqui apresentadas. Essa precariedade nada nos diz sobre a qualidade de um ou outro texto, apenas enfatiza o trânsito teórico comum a toda prática em constante transformação, tradução. Pois, além de ser questões complexas para a tradutologia, é ainda mais e rarefeita em trabalhos que assumam a maneira de uma crítica afrodiaspórica em tradução. Não havendo, ao menos em língua portuguesa, muitos livros e textos que tratem especificamente dessas questões, insisto, no campo dos estudos tradutórios.

Por isso, antes ainda de apresentar a tradução, explorarei a vastidão das formas “ensaio” como “poética” para tracejar um caminho possível entre a tradução como poética e o ensaio como tradução formal sem acabamento. Ou seja, os textos traduzidos que serão apresentados neste trabalho serão também um ensaio-poético tradutório. Um experimento afrodiaspórico no campo da tradução. Por esse motivo, tomarei caminhos discursivos que possam aproximar a forma ensaio de uma poética em direção ao campo da tradução, a saber.

O EXPERIMENTO ENSAIO COMO FORMA POÉTICA EM TRADUÇÃO

Perturbar o hábito. Trazer para o texto algum hálito. Fazê-lo roçar orelhas. Levar para a teoria todo corpo, alguma poesia. Tropeçar em motivos. O mote, a glosa! Se cercar de imagens. Isso não é uma dialética, é mais um diálogo, uma relação.

Agir, o quanto antes, por um *sendo!*

Desse modo, como elaborar sob forma de texto algo que incite o seu próprio abandono, de sua forma como encerramento? Para mim, essa é uma questão norteadora do valor do texto. Acredito que todo texto (escrita) tenha que tentar. Ser uma tentação para o seu abandono. Ser um abandono como

conhecimento, uma tradução. O texto quer-se corpo. Ser uma dança e não, simplesmente, um par. Jamais um fim, para não ser termo, juízo.

Não que o texto deva ser relevante para a alguma ação. O texto-ação, textuação. Também não é necessário que seja uma pedagogia. Muito menos uma fundamentação ideológica para um despertar. Apesar disso, por princípio, nada excluo. Imagino, tudo que sonha deva acordar. Tudo que retina parece brilhar. Toda escritura deveria exigir o seu engano. Como se necessário *vagar* um lugar para o leitor ocupá-lo, *iluminá-lo*. O olho é o lugar da luz. Um vagar *lúmen*. Por isso, um ensaio. Essa *forma* que não admite um acabamento, por *preferência*.

Aqui, o digo, segundo um ritmo que

É preciso, igualmente, apreendê-lo a partir do movimento contínuo de sua constituição, que se dá através do diálogo, entre outras coisas, com aquilo que Senghor chamou de “as novas revoluções filosóficas”, as quais contribuíram para “as novas revoluções científicas”, para a emergência de um “novo método”, para uma nova maneira de pensar e de viver com a qual precisamente a Negritude **coincide** (DIAGNE, 2017, p.26, grifo meu).

Uma questão formal essa *co-incidência*? Sim, na medida em que esse formal não seja o modo de acabamento. E, por outro lado, o modo pelo qual o corpo (também, de um texto) é a sua própria expressão formal. Esse traço, (modo) característico de um corpo-texto, *co-incide* com a negritude (aqui o sentido é mais espectral que conceitual). É um infra/conceito, na medida que a ideia formalizada do negro encontra o panorama conceitual de um *estar-no-mundo* negro conhecido por negritude, mas, não remete a um estar genérico e expansível indiscriminadamente. Todavia, não invoco nesse momento a negritude como um conceito formalizado, mas nem por isso o torno ilegítimo como fazem “muitos negros” que “acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude” nos diz Fanon (2008, p.15), ao que prontamente, acrescenta ser um

[...] racismo dos negros contra o negro [que] é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco. Eles literalmente tentam olhar sem ver, ou ver apenas o que querem ver. Este narcisismo funciona em muitos níveis. Muitos brancos, por exemplo, investem nele, já que teoricamente preferem uma imagem de si mesmos como não racistas, embora na prática ajam frequentemente de forma contrária (FANON, 2008, p.15).

Por isso, admito a negritude como qualquer forma possível de si como identidade negra e assim se identificar como *presença* no mundo. Melhor, no Diverso das formas possíveis de sê-lo. Como uma interdição ontológica de encerrar-se a si mesmo, em um si-mesmo. O contínuo abandono das formas de ser, pelas formas do *sendo*. Isso talvez possa ser inscrito em um hábito, em um modo agir-pensar, em uma expressão cultural própria. Um pensamento que se experimenta numa tentativa, em uma relação. Um ensaio. Uma tradução de uma prosa em poesia, por exemplo.

Daí o ensaio bem que poderia ser o “fim do livro e o começo da escritura” (DERRIDA, 2006, p.7). Pode ser o que se escreve entre as linhas escritas. O rabisco. A nota. E, “não é por acaso que esse transbordamento sobrevém no momento em que a *extensão* do conceito de *linguagem* apaga todos os seus limites” (DERRIDA, 2006, p.7, grifo meu). Também por isso, “atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo [...]” (FANON, 2008, p. 33). Além do mais, a *extensão* é a forma de um pensamento geográfico, um apontar para o mais adiante ao invés do fincar raízes profundas numa História tal como numa saga ou uma odisseia. Pois, sem o seguro retorno ao lar que essas formas prometem, por outros modos a geografia afrodiaspórica tenta avisar de que algo acontece aqui-ali, lá-e-cá. Como em uma placa que desvia para o atalho, o atalho que não se quer caminho.

Portanto, para mim, o ensaio me serve como tentativa, como preferência ou não a alguma forma, sem que isso seja uma negação, sem que disso possa emergir uma antinomia. É uma fórmula inacabada e sem acabamento. Um impossível que se quer possibilidade. Aquilo que não espera para ser uma ação, o é. Ou, como um pensamento *baobá* que teço aqui: com a cabeça fincada na terra, no lugar, mas, com as raízes suspensas no espaço aberto. É um pensamento local, de outra forma, em suspenso e envolto com o mundo. Com o detalhe, mas, na totalidade.

Por isso mesmo, a *fórmula* ensaio não requer uma apresentação formal. Não há necessariamente uma. O que há, creio eu, de Michel de Montaigne até nossos dias, é que o ensaio é uma *escritura* que se arranja

sem desejo necessário. E apesar desse autor citado, não me refiro somente ao ensaio como forma filosófica. É apenas para seguir a *extensão* dos olhares diversos, um ensaio cujo objetivo específico é um *sendo-necessário*. Aliás, somente um *sendo*. O ensaio, entretanto, não me parece ser, por outro lado, um simples inventário. Um levantamento. Uma placa de contramão. Um recenseamento geográfico.

O ensaio é querer-dizer. Mas, e acima de tudo, é um querer-ouvir. Um querer-dizer-ouvindo, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p.33). O ensaio escuta em diversas direções enquanto observa algumas coisas. Assim como um *lúmen* é uma medida de luz em todas as direções. O ensaio é *vago*. Não espera sobrevida. O ensaio reflexiona, mas imagina. Cheira, mas também mastiga. O ensaio conversa e silencia. Faz dizer e se cala. A meu ver, a forma mais justa por ser a menos ajustável. Exatamente por não ser forma. Mas por, talvez, transmitir alguma forma, algum modo de existir. E o ensaio resiste, pois, nunca terminado, também não pode ser método. Ele é sempre superado, suplementado pois, é uma exigência sua. E a ele recorreremos porque único, como tradução tal qual poesia, uma poética. Sem modo e sem forma, não serve de modelo. Se servir, talvez, tenha encontrado o seu limite. Esgaçouse. Se tornou útil demais como práxis cuja tentativa objetificante emula uma voz da alguma ciência categórica. Essa ciência que ao tornar objeto, mesmo um texto, insiste também em explorar o seu esgotamento. E sobretudo por esse motivo que não me enveredo nessa vontade-objeto. Pois, de um modo ou outro,

Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico. Todas as formas de exploração são idênticas pois todas elas são aplicadas a um mesmo “objeto”: o homem. Ao considerar abstratamente a estrutura de uma ou outra exploração, mascara-se o problema capital, fundamental, que é repor o homem no seu lugar (FANON, 2008, p.87).

E para não seguir esse desejo de fazer ciência, tento o ensaio como poética, esperando para dizer enquanto se deixa apenas imaginar, e o diz ainda assim. E neste trabalho, mesmo aparentemente restrito ao literário, não me restrinjo ao texto escrito.

Portanto, atravesso as questões tradutológica, as tomando a partir da ideia de Relação no sentido glissantiano. Assumindo, por tal, como um *imprevisível*. Percorreremos, assim, esses imprevisíveis através do imaginário, como propõe Édouard Glissant (2007) - mais a frente, veremos como pensa essa ideia, da tradução como relação, a qual insiro as mútuas traduções (texto alvo – tradutor – texto de partida).

Então, como ensaiar? Já não se sabe. Não sei. Assim, por não saber o que esperar deste ensaio, aconteço num fazer-ato. Em um produzir ações no momento mesmo em que se necessite dizer-fazer, feito uma tradução, em direção a um deslinde do texto. Da prosa para a poesia. Da poética como tradução. Seja pela forma ao criar imagens. Do texto para qualquer extremo. Da teoria como caminho para alguma poesia. Do ensaio como *poética*². E, acima de tudo, da poesia como todo desejo. Seja de *Multidão*, seja de *Sobrevivência*. Mas também, como forma de viver e ver, como um *preferiria não!*

Por isso mesmo, aqui, a ordem é o trânsito. Andaremos. Sairemos de um ponto e chegaremos a outro sem percorrermos a previsão do caminho. Talvez a sorte num vaivém. Como numa tradução onde

Diariamente as palavras chocam-se entre si e emitem chispas metálicas ou formam pares fosforescentes. O céu verbal se povoa sem cessar de novos astros. Todos os dias afloram à superfície do idioma palavras e frases, minando ainda umidade e silêncio [...]. (PAZ, 1982, p. 42).

Com essas rogativas, destituo o lugar seguro das relações tradutórias prosa-prosa em movimento prosa-poesia, estabelecendo com o processo tradutório não o esquema dicionarizado ou formal, mas experimental e ensaístico, possível e legível como poesia. Da língua francesa numa poética de um autor negro para a língua portuguesa numa poética de um tradutor também da raça negra. Sem que com isso, a fixidez racializante seja todo o domínio posto que, como antes mencionado, não nos encerra a criatividade de ser, mas nos abre ao infinito das maneiras que a diáspora negra já nos supõe, propõe e faz saber. Assim, a linguagem dos corpos não

² Tal como em Édouard Glissant, acerca da poética. Uma relação. Uma poética em relação. A poesia estabelece-se em relação; e toda relação se ata poeticamente.

subjaz completamente ao esquema de representação das línguas, há outras linguagens para além delas e ou das suas possíveis traduções.

A LÍNGUA DA POESIA OU O CORPO DA TRADUÇÃO

Por tudo dito, uma tradução verbal exige mais que a relação entre-línguas. Como já expressei anteriormente, me estabeleço para a construção de um corpo-texto a ser determinado de modo genérico por tradução, da língua francesa para a língua portuguesa do Brasil, de trechos do ensaio *Peau Noire, Masques Blancs* (1971) escrito por Frantz Fanon. Para, então, experimentar com o processo tradutório a relação prosa e poesia que se dá, de forma imprevisível, inaugurando, tal como um *acontecimento*, um tempo-espaço próprios. Propondo-me redigir em português, “esta última escritura [que] é também a primeira escritura (DERRIDA, 2006, p. 29), uma tradução poética partindo de texto teórico em prosa.

Ou seja, a escritura desse novo texto, essa tradução, que é também uma última escritura de um texto e por isso mesmo a primeira (do seu próprio tempo) possa ir ao encontro (geográfico) de um conhecer parcial das realidades afrodiaspóricas em ambientes diversos e não circunscritos pelas fronteiras da língua nem pelos encerramentos das formas. Deixando-se entrever os possíveis, as maneiras próprias de ser e estar. Para expor um ou outro corpo em suas experiências convenientes e compartilhadas.

Sendo assim, traduzir pode ser também *riscar* dando a ver a(s) lógica(s) própria(s) do(s) signo(s), de suas ideias, rasurando signos e dispondo símbolos. Escrevendo sem substituir. Empregando o novo que se diz em outra língua. A cindindo quando necessário, a tomando quando possível.

No entanto, além do processo próprio relativo à palavra, o corpo da tradução empreende-se numa realidade extralinguística com aqueles que escreve com o próprio corpo suas experiências nas línguas. Tal situação não é alheia ao tradutor. Não pode ser superada pelo estabelecimento das línguas em suas diferenças. Não nos opomos, completamente, a essas

distinções, mas relevo, em meu texto, a urgência de como essas línguas foram sedimentadas através das fronteiras coloniais e das experiências dos povos nessas geografias. Essa situação, nos abrange tanto a mim na função de poeta-tradutor, bem como a Frantz Fanon, autor. Além do mais, tal movimento açambarca-nos a todos, pois,

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado. Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana (FANON, 2008, p.34).

E com as experiências desses povos,

[...] sem dúvidas, aportamos o curso de todo conhecimento, quando nos esforçamos por compartilhá-lo, de todos aqueles que meditados e revolidos há muito tempo e, de minha parte, dos poucos pressentimentos em que fui tomado para escrever e que transcrevi sem cessar, ou traí por insuficiência, na escritura. (GLISSANT, 1997, p. 15)³.

Dessa forma, retomando a ideia de Relação de Édouard Glissant, é como uma prática de compartilhamento de todo conhecimento, de toda experiência. Observada mais acima em Fanon, como essa posição diante da linguagem e, ainda antes, do *ser-para-outro*. Mesmo que insuficiente, frágil. Precária como tradução.

Esse conceito, o de tradução, além de um experimento, de um fazer com a linguagem – em Relação, se dá ou

[...] realiza-se pela convivência parelha de códigos e sistemas em si diversos que convivem simultaneamente em um registro terceiro, mascarando-se de forma mútua, sem que haja, no processo, ofuscamento total de sua individualidade originária. Aqui os sistemas encostam-se por meio de um espelhamento que produz imagens duais, de dupla face, sendo sempre possível vislumbrar no novo sítio de significância não apenas uma imagem através da outra, mas ambas simultaneamente (MARTINS, 1997, p.31).

Conceito opaco. Impossível de ser atravessado/estabelecido em completude. Assim, esse apagamento (que é rasura) é sobretudo um ofuscamento. Por isso, o que aqui escrevo (traduzo) transborda do outro para mim e vice-versa, em versos, em poética. Por tal,

³ Todas as citações de Edouard Glissant (1997), apresentadas neste ensaio, foram feitas por mim.

Esta será minha primeira proposição: lá, onde os sistemas e as ideologias falharam, e sem renunciar de forma alguma à recusa ou à luta que se deve realizar em seu local particular, prolongaremos para mais adiante o imaginário, por um infinito estilhaçamento e uma repetição ao infinito dos temas da mestiçagem, do multilinguismo, da criouliização. [...] (GLISSANT, 1997, p 18).

Pois, mesmo que o “tempo” em/caminhe num sentido e a escritura em outro (ambos lineares), ainda, uma força *imaginária*, como episteme, é capaz de pensar no corpo o encontro entre esses dois opostos em *modus* possíveis. Porque, são conduzidos por um tipo de pensar que “refuta”,

[...] dessa forma, toda culminância de possessão. Ele cinde o absoluto do tempo. Ele abre, nestes tempos difratados em que as humanidades de hoje multiplicam entre si, por conflitos e maravilhas. Ele é a errância violenta do pensamento que partilhamos. (Também para mim, de grito em palavra, de conto em poema, do *Sol da Consciência à Poética do Diverso*, essa suspeição) (GLISSANT, 1997, p.20).

Essa errância, não

[...] figura uma trilha inacabada onde tropeçamos sem recursos, nem um beco fechado sobre si mesmo, que faz fronteira com um território [...] é a maneira opaca de ensinar-si o galho e o vento: ser-si, derivado ao outro. É a areia na verdadeira desordem da utopia (GLISSANT, 1997, p. 20).

Ou ainda, é uma forma compósita de pensar, pois que ainda se abre ao novo. Ao incerto, uma opacidade. Numa teia de comportamentos atribuíveis a uma serie muito complexa de informações, formações e ações diárias, alimentando ou construindo essas ações em tecidos. “Águas. Mares. Travessias. Diásporas.” (MARTINS, 1997, p. 25).

E, nesses tecidos, são percebidos

Como o baobá africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas, divergências, multiplicidade, origens e disseminações (MARTINS, p.25, 1997).

Lembrando, no mesmo gesto, que a tradução é uma arte da fuga, admitindo, desde já, ser a Tradução, a Relação do Eu através de uma renúncia em direção ao Outro. Ou melhor, do Uno ao Diverso. Pois,

O pensamento da mestiçagem, do valor trememente não somente das mestiçagens culturais, mas, mais densamente, as culturas de mestiçagem, que talvez nos preservam dos limites ou das intolerâncias que nos ameaçam, e assim, abrirá novos espaços de relação (GLISSANT, p. 15, 1997).

Reafirmo, assim, que este ensaio-experimento trata de culturas próprias em que o processo de mestiçagem etno-cultural não se deu como um evento controlado, nem como uma resultante hierarquizada passível de síntese. Não é, portanto, uma maneira previsível de chegar a algum lugar. Mas, um modo de se relacionar que se encruzilhou e teceu culturas multivocais - em uma constante de contrastes de relações culturais ressignificadas durante o período colonial até os nossos dias. Como hábitos e modos culturais, práticas e processos relacionais. Assim, o sigo com a tradução em seus muitos modos e

Esse processo de cruzamentos tem engendrado, ao longo da história, jogos ritualísticos de linguagem e de *performances* culturais, modulações semióticas que fundam estratégias de veridicção, traduzindo-se numa reengenharia de sua significância. A cultura negra é uma cultura de encruzilhadas (MARTINS, 1997, p. 26).

A encruzilhada, portanto, “é *locus tangencial*” entre duas ou mais “‘zonas’ culturais, convocadas em um local de encontro. Assim como, uma língua crioula atua a partir de ‘zonas’ linguísticas diferenciadas, para que daí escape a sua matéria inédita” (MARTINS, 1997, p. 26). De tudo dito, então, evoco o lugar onde experimento essa tradução afrodiaspórica, reafirmando que esse título, longe de ser conceito, é a matéria legível desses diálogos, opacidades, relações e encruzilhadas que distam da ontologia das línguas e das formas representacionais dos textos, dos corpos e dos modos. Por esses motivos, não enveredarei em explicações técnicas sobre as decisões autorais na composição das traduções, nos motivos que me conduziram a traduzir uma ou outra palavra.

Igualmente, a tradução prosa para poesia nada mais é que um instante, uma leitura, uma tradução cujo conceito só é formal na medida em que apresento, como neste ensaio, um texto formado por desejos poéticos, experimentando e o escrevendo já sem rasuras mesmo que criado por elas. São, como já dito, renúncias múltiplas que observa uma nova realização inédita como relação. Próprias a uma tradução.

De tal forma, a Relação, nesse *locus tangencial*, não é um encontro de simples trocas ou substituições entre sistemas de pensamento. É uma

maneira própria de lidar com aquilo que é único e que por isso me leva ao diverso. Uma maneira de perpetuar o encontro. Pois, em nossas enegrecidas culturas, a responsabilidade social para a construção de uma identidade coletiva é muito mais *intensa* por se saber imprevisível. E a sua dinâmica (incrível) exige a manutenção ainda – apesar das novas e modernas redes tecidas na modernidade, p.ex. com a internet – de muito contato social, das re/interações dos corpos para que se manifeste e delinieie os traços que desenrolei durante esta escritura. Como experiência diária que é compartilhada de muitas formas.

Assim, mesmo não havendo, inicialmente, um abandono da ideia de representação ela nos serve, aqui, como caminho-processo para o refazimento da própria ideia de representativa, reconduzindo-a em direção a uma mentalidade onde o *imaginário* possibilite ações de outra ordem. Para um imaginário onde as ciências (como episteme) possam necessariamente, desde já, agir por uma abertura. Pela qual, a Relação seja a Poética das mãos que *é-laboram* as mais novas paixões, o *multilinguismo* dos corpos, logo das traduções. Isso é, o local e o global, o detalhe e a totalidade, a poesia do trânsito no mundo. Pois que parto das reinscrições dos povos negros em geografias diversas e sob essas condições, nos diz Édouard Glissant, sobre as formas manifestas dos povos negros em diáspora,

[...] não saberia se fixar, se encerrar, se inscrever em essências, em identidades absolutas. Consentir que o sendo muda enquanto permanece não é abordar um absoluto. O que perdura no compartilhamento, mudança ou troca, é talvez a propensão ou a ousadia para mudar. Eu os apresento como uma oferenda a palavra crioulação, para significar este imprevisível de resultantes inauditas, que nos guardam de sermos persuadidos de uma essência, ou de ser uma rigidez exclusiva. (GLISSANT, 1997, p. 26).

Por esses caminhos, já tracejei, pela episteme de corpos negros, a linguagem (*a palavra*) como uma oferenda. Oferenda intensamente ritualizada por Leda Maria Martins, guardiã da sabedoria de muitos encontros, na *encruzilhada* que conduzimos quando conduzidos.

Enfim,

(Eis que, evocando as línguas ameaçadas, as linguagens em suspensão, volto para outro dos meus lancinamentos e repito a minha palavra, como um eco estriado em argila que, por sua vez, grava em calcário frágil. É para magnificar os

exaurimentos que sobressaem entre línguas e linguagens o exercício da tradução:) (GLISSANT, 1997, p.28).

Para Édouard Glissant (1997, p 28), então, “devemos consentir neste exaurimento, e essa renúncia é a parte de si mesmo, que em toda poética se abandona à outra. ” Saibamos, então, o que tudo isso que convocamos pode nos oferecer de matéria inédita, de uma nova poética como prática tradutória.

A PROSA, A TRADUÇÃO E A POÉTICA

Por fim, apresentarei as traduções dos trechos escolhidos do livro *Peau Noire, Masques Blancs* (1971) de Frantz Fanon, para esse experimento em poética afrodiáspórica. Entretanto, é necessário ainda dizer que os textos que se seguirão não acompanharão de qualquer explicação teórica, demonstração das soluções ou opções tradutórias por diversos motivos. Entre eles, a medida desse ensaio ficaria comprometido e também não é nosso objetivo neste momento. No entanto, seguirão em notas de rodapé os trechos selecionados em língua francesa. Dessa forma, torno mais acessível os textos que circundam a minha tradução para apreço e curiosidade. Enfim, segue-se os textos em forma de poesia-ensaio:

Outros, Eu!⁴

ancorado ao mundo,
tomado, quis fazê-lo emergir em sentidos,
minha alma plena do desejo de estar
em sua origem, mas nele
me descobri objeto em meio
a tantos outros,

soterrado por esta objetividade
aniquiladora,
te implorei!
seu olhar libertador, sobrefluindo meu corpo
bruscamente polido, dá-me de outra vez
a leveza perdida e, arrancando-me do mundo,

⁴ J'arrivais dans le monde, soucieux de faire lever un sens aux choses, mon âme pleine du désir d'être à l'origine du monde, et voici que je me découvrais objet au milieu d'autres objets. Enfermé dans cette objectivité écrasante, j'implorai autrui. Son regard libérateur, glissant sur mon corps devenu soudain nul d'aspérités, me rend une légèreté que je croyais perdue et, m'absentant du monde, me rend au monde. Mais là-bas, juste à contre-pente, je bute, et l'autre, par gestes, attitudes, regards, me fixe, dans le sens où l'on fixe une préparation par un colorant. Je m'emportai, exigeai une explication... Rien n'y fit. J'explosai, voici les menus morceaux par un autre moi réunis. (Frantz Fanon, 1952, p.89)

mostra-me ao mundo!

então, no mundo,
diante do seu declive, faço trincheiras.
(aninho-me)
e o outro
por gestos,
atitudes,
olhares,
me fixa
numa corante mistura,
e daí, uma cor.

mesmo exaltando-me exigi explicação...,
fora inútil,
explodi!
Eis aqui os pedaços de mim
reunidos por tantos
dos meus
outros,
Eu!

Os tambores do Mundo⁵

ai! o tam-do-tambor voceja a mensagem cósmica,
apenas tão preta posso
dizê-la,
desemaranhá-la em reverberações,
vibrações
que atravessam o mundo
com calcanhares vigorosos contra os flancos do mundo,
ajeitando o nó da sua gravata
como o sacrificador
entre-mirado por sua vítima.

[o sacrifício serviu como meio
entre mim e a criação –
já não reencontrei as origens,
mas a Origem.
e uma vez mais, é preciso
desconfiar do ritmo,
da amizade Terra-Mãe,
esse casamento místico, carnal
do grupo e do cosmos.]

sangue!
sangue!... nascimento!
vertigem que me adorna!
três partes de mim abismadas

⁵ Eia! le tam-tam baragouine le message cosmique. Seul le nègre est capable de le transmettre, d'en déchiffrer le sens, la portée. A cheval sur le monde, les talons vigoureux contre les flancs du monde, je lustre l'encolure du monde, tel le sacrificateur l'entre-deux yeux de la victime. Sang! Sang!... Naissance! Vertige du devenir! Aux trois quarts abîmé dans l'ahurissement du jour, je me sentis rougir de sang. Les artères du monde, bouleversées, arrachées, déracinées, se sont tournées vers moi et elles m'ont fécondé. Le sacrifice avait servi de moyen terme entre la création et moi — je retrouvais non plus les origines, mais l'Origine. Toutefois, il fallait se méfier du rythme, de l'amitié Terre-Mère, ce mariage mystique, charnel, du groupe et du cosmos. (Frantz Fanon, 1952, p.100-101).

pelo aturdir do dia,
me sinto avermelhar em sangue.

as artérias do mundo
ao avesso,
extirpadas,
desenraizadas,
se revoltam em mim
e me fecundam.

CONSIDERAÇÕES

O apelo virulento por uma síntese conclusiva não tem como se fazer lugar neste processo experimental tradutório. Visto que o percurso tomado neste ensaio teve por desejo realçar as questões motivadoras ao que seria e foi exposto na seção anterior. Pois, ao traduzir em forma de poesia um texto em prosa, quis mostrar algumas possibilidades teórico-práticas que podem percorrer a tradução. Aqui, o fiz sob a tradução de fragmentos do texto teórico em prosa, escrito em francês por Frantz Fanon, e por mim traduzido em poesia para o português do Brasil.

No entanto, acrescento que o êxito tradutório, o qual suponho ter atingido e apresentado, não pode ser medido necessariamente por um binarismo positivo versus negativo. Ainda mais por ter expressado um texto traduzido de uma outra forma que não necessariamente comparável à forma do texto de partida. Nem por isso interdito qualquer tipo de análise ou reconsiderações por mim ou outros teóricos da tradução. Não expus o resultado da minha proposta como meta, como alvo, mas como proposta de possibilidades. E esse possível, então, fora apresentado. Sob forma de poesia para com dessa maneira dizer de uma poética. De um modo ensaio tradutório onde o trânsito das formas fora posto em relação.

E, com isso, alimentar e estender os modos e meios possíveis para a compreensão do que pode ser uma tradução sem o compromisso ideal de realizar um conceito prévio ou uma vontade estruturante. Pois, desde o começo deste ensaio, admiti a instabilidade do conceito e a sua deriva como característica pela qual me disponho a experimentar. E o fiz, acredito, tentando delinear o imaginário de uma tradução afrodiaspórica.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução de Mirian Chnaiderman e Renato Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DIAGNE, S. B. A negritude como movimento e como devir. **Ensaio Filosóficos**, v. Volume XV, p. 25-35, Julho 2017. Tradução por Cleber Daniel Lambert da Silva.
- FANON, F. **Peau noire masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1971.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.
- GENTZLER, E. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª. ed. São Paulo: Madras, 2009.
- GLISSANT, É. **Traité du Tout-Monde**, Poétique IV. Montréal: Gallimard, 1997.
- MARTINS, L. M. **Afrografia da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MILTON, J. **Tradução, Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.

Publicado em junho de 2020.